

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talhada — Lisboa* • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EDIFICANDO

Pois é verdade. Os organismos sindicais da construção civil estão construindo três grandes edifícios, sob contrato que firmaram com um patrão que se chama Estado, ou poderia chamar-se Francisco ou Beltrão, dois deles já muito avançados, em Benfica e que, se destinam à Escola Normal; o outro para instalação dos serviços médico-legais, ou melhor, a Morgue, estando em via de conclusão um novo contrato para a edificação dum quarto edifício. Por agora diremos apenas que os operários, dirigidos por encarregados designados pela Federação da Construção Civil, trabalham em comandita.

Este facto, certamente ignorado de muitos dos nossos leitores, mesmo de leitores operários, tal o silêncio que se tem feito em volta dele, tem para nós um grande significado moral, porque revela da parte dos camaradas organizados da construção civil — geralmente bem caluniados — a intenção de produzir algo de novo, de materializarem, no sentido elevado do termo, princípios propagados. Ele representa como que o lançamento dum forte alicerce para o edifício do futuro, alicerce para o qual nós, homens de ideias abertas, contribuímos com algumas pedras, embora tam poucos de nós se preocupem em formar a respectiva alvenaria — o conjunto das pedras que, ligadas, constituirão a construção.

De modo que o empreendimento dos camaradas da construção civil, possivelmente com as hesitações próprias de quem pela primeira se abalça a um tal empreendimento, com a força introduzida de elementos oficiais orientados por princípios opostos, como engenheiros, arquitectos, etc., e, em dúvida, com as peças que necessariamente o patrão-Estado há de trazer por sua vez, é, apesar de tudo isso, alguma coisa que se chama, alguma coisa que merece a atenção de *A Batalha*, a qual, sendo um órgão de combate às actuais instituições políticas e económicas, nem por isso deixa de ser simultaneamente um pugnação apaixonada do desenvolvimento da capacidade técnica dos que trabalham, medindo-se o seu esforço

pela destituição da classe capitalista — com os poderes de que ora ilegítimamente disfruta — pelo desejo bem sentido de pretender concorrer, com a sua propaganda, para que a classe operária se afirme, no campo das realizações, pelo estudo, pela ansia de aperfeiçoar a sua educação técnica, pelo desenvolvimento enfim da sua capacidade profissional, habituando-se desde já a preencher as exigências da futura sociedade sindicalista, posto que não sabemos ser revolucionários doutra forma.

Não conhecemos detalhadamente, neste momento, as condições exactas em que estão sendo construídos pelos organismos da construção civil os três edifícios a que vimos de fazer referência, apesar de para as conhecermos não se tornarem necessário realizar um grande esforço, uma vez que bem próximo do local onde traçam estas linhas se encontram na rude tarefa de todos-os-dias alguns militantes da Federação da Construção Civil, a quem neste momento não desejamos distrair as atenções dos assuntos em que elas estão postas. Procuraremos ouvir algum desses *agitadores*, em breve, e dessa conversa, que por certo será interessante, daremos conta aos leitores.

O que queremos fixar desde já é que o empreendimento, afirmando-se talvez a algumas pessoas de anódina importância, poderá exercer, quanto a nós, uma útil influência no mundo operário, porque produzindo porventura imediatos benefícios à corporação a quem directamente respeita, terá a virtude de ser o início dum preparação para cometimentos de maior vulto, preparação que reputamos muito necessária, do mesmo passo que será um optimo estímulo a outras corporações operárias, desde que se verifique uma seria disposição de passar-se do terreno das teorias à dos factos e que se actue de modo a honrar os princípios propagados.

Há, porém, que ter em consideração a propaganda do exemplo, de que falamos há dias, propaganda que, para ser fecunda, tem de ser realizada com sacrifício, com abnegação e com fé.

A Bandeira Vermelha

A bandeira vermelha, hoje pendão socialista, na oposição ou na vitória, na Revolução Francesa.

Na Revolução de 1848, esteve de novo para ser adoptada oficialmente, mas Lamartine fez tanto, com mais êxito, o que entre nós foi tentado por Guerra Junqueiro, na questão do pavilhão da República.

A bandeira vermelha, exclamava o poeta das *Meditations*, nunca deu volta ao campo de Marte, arrastada no sangue do povo em 91 e 93, ao passo que a bandeira tricolor deu volta ao mundo, com o nome, a glória e a liberdade da pátria.

Esta frase fez furor, e é a ela que os autores depois deste comentário se referem.

Sim, mas essa bandeira tingida com o sangue do povo em 17 de Julho de 1919, conduzida ao povo contra as Tréguas em 10 de Agosto de 1919, e a esperança operária misturase, no seu esplendor, com a vitória republicana.

E Chateaubriand acrescenta: A bandeira vermelha não foi a bandeira do terror: foi 93, a Grande Revolução, a guerra dos tiranos e a paz aos povos, ao passo que a bandeira tricolor nasceu do colapso da burguesia de Paris com a risada, do azul e vermelho parisienses, do mundo, sim, mas na guarnição da água indomita e doida do mais selvagem e criminoso dos imperialismos, precipitando-se no barranco de Waterloo.

Mas, voltando a 48, Lamartine não triunfou por completo. Ao pendão tricolor, que já era um compromisso, juntou-se um novo compromisso: «Como tal distinto e como grã recordação do último acto da Revolução popular, os membros do governo provisório e outras autoridades usaram a coroa encarnada, que será colocada igualmente na haste da bandeira».

Depois, todas as revoluções e manifestações proletárias e genuinamente socialistas tem arvorado no rubro. E lá flutua em alto e estridente, para as bandas do Oriente, como um arvorel a anunciar o próximo fim do horrível pesadelo capitalista...

A BATALHA, que tem recebido vários alvites a propósito da ideia lançada pelo camarada Eduardo Freitas, já recebeu também uma importante oferta de que em breve daremos conhecimento aos nossos leitores.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Uma lição de geografia

La-nos passando despercebida, mas não amiga nos mostra uma nova perspectiva da gente da *Monarquia*. Como traduzissemos dum jornal inglês a narração dum linchamento na América do Norte, na qual se dizia: «E senhoras americanas contemplaram este espectáculo durante hora e meia, sob um sereno luar meridional», os finórios concluíram logo que tinhamos forjado a notícia, porque, aos pontapés à geografia, pusemos *meridional* em vez de *setentrional*! Uns alhos!

Ora o texto inglês é o seguinte: *And American ladies looked upon this sight for an hour and a half in the serene light of a Southern moon!* (The Observer, de 3 de Agosto).

E' que o caso passa-se (o que não omitimos na notícia) em Vicksburg, no Estado de Mississippi, no sul dos Estados Unidos. Segundo os asnos vestidos e calçados da *Monarquia*, não se poderia chamar *meridional*, na Europa, aos espanhóis e portugueses, e em Portugal aos argavios!

E levanta-se um padeiro à meia noite para dar pão a tão egírcias calvagens!

Um grande crime

Concertam entre si as potências burguesas um plano de ataque à Rússia bolchevista. A Inglaterra dará armas e munições, os Estados Unidos fornecerão ouro e Morgan, o arquimilionário — ora, pudera — também subsidiará a aventura com um empréstimo digno da sua fortuna fabulosa. Falhará, não falhará, esta tentativa odienta de esmagamento à Nova Rússia? E' convicção nossa de que falha. Mas quer o crime chegue a consumar-se, quer não passe de uma premeditação abandonada, não deixa de ser crime e dos mais revoltantes que nos últimos tempos se tem perpetrado. O admirável é que muito boas pessoas que se reclamam amantes da liberdade, respeitadoras dos preceitos da tolerância, inimigas de assaltos a jornais, e possuidoras ainda de muitas outras virtudes, aplaudam esse crime com ambas as mãos e com os pés. A liberdade dos povos está bem, mas desde que ela não contenda com a segurança dos tesouros de Morgan ou com os interesses dos banqueiros ingleses. A destruição dum jornal, isso sim, é que é altamente condenável, e em nenhum caso pode admitir-se. Mas a destruição dum povo já pode perfeitamente admitir-se, tudo em nome da liberdade. Vá o leitor vendo a moral destes tarifatos, para cada vez melhor os conhecer.

Amigos dos diabos

Os integralistas da *Monarquia* declaram-se anteontem muito propensos ao sindicalismo. Ai tem vocês uma adesão comprometedor. Nas fileiras verde-rubras ouve-se dizer a meio mundo que sindicalistas e monarquistas várias vezes se tem dado as mãos. Saltam os senhores do órgão integralista, e com a sua postura parecem dar confirmação à venenosa atoarda. E' claro que tudo ficaria esclarecido se os redactores da *Monarquia* explicassem o que é que por sindicalismo entendem. Os trabalhadores organizados, é claro — mas um pouco à maneira dos soldados, para que um soberano absoluto mais facilmente pudesse exercer sobre eles a opressão. Pois guardem lá a mesinha, que daqui não se toma nada.

Dormência

Todos nós temos constatado a raridade dos movimentos espontâneos de protesto da parte do povo português, contra as poucas vergonhas que a cada passo se se praticam, ou se trate de especulação de vendedores, de destempestos revoltantes da polícia ou de tropelias provocadoras dos poderosos. As companhias monopolistas fazem o que entendem e sobeja-lhes tempo, sem que o público esboce outros protestos que não sejam os platonismos estafados, estereótipos em absoluto. Um qualquer metacatrefe uniformizado, como é já banal ver-se, espanca ou insulta uma multidão. E raro é que, da parte desta, saia a resposta condigna ou o freio preciso que mantenha em comedimento os direitos respeitadores profissionais dos direitos populares. A sujeição de séculos fez nos calos na alma, não há dúvida. Quando começarmos a ter constantemente presente no espírito a ideia de que um homem não tem direito nenhum a cavalgar outro?

Revolta de marinheiros ingleses

Segundo temos no *Avanti!* de Milão, em telegrama de Viena, publicado no número de 11 do corrente,

«Os marinheiros ingleses, que estavam em Baku para defesa daquela base naval contra os Sovietes da Rússia, amotinam-se, quando a bandeira vermelha nos navios e reclamando o imediato regresso à pátria.

«Em virtude do espírito bolchevista de que se mostraram imbuídos os amotinados, os vasos de guerra britânicos levantaram ferro de Baku para destino até agora desconhecido».

Se é verdadeira esta notícia, os marinheiros ingleses de Baku não fazem mais do que imitar o acto dos marinheiros franceses de Odessa e confirmar o poder contagioso do bolchevismo, visto de perto...

Trabalhadores Auxiliares Ferroviários

Responderam anteontem, no 2.º juízo de investigação criminal, os operários da construção civil Inácio da Piedade Carvalho e António Marques e o operário metalúrgico José de Cruz, todos eles acusados de, na noite de 19 do corrente, terem levantados gritos subversivos, tais como *Viva o bolchevismo! Viva a Rússia!* e *Abaixo Sá Cardoso!*

Os réus foram defendidos pelo nosso amigo Dr. Sobral de Campos. A acusação não se provou e os nossos amigos foram absolvidos.

Amanhã, a 30 de Agosto, há consultas ao advogado.

UM CASO SIGNIFICATIVO

OS OPERÁRIOS VIDREIROS

continuam esperando que o ministro do trabalho «trate do caso» como prometeu

Dissemos aqui que os operários da fábrica de garrafas de Amora estavam presos há muito — e muito felizes seriam se um barco de guerra os não tivesse levado já por esse Atlântico fora, até às paragens inóspitas do continente africano — caso partisse deles o procedimento da Companhia de que são empregados, desrespeitado os representantes do poder.

Convidara o ministro do trabalho a direcção da companhia a apresentar-lhe documentos com os quais provasse a asserção que havia feito, e que não é verdadeira, de que os operários espanhóis vieram para Portugal nas mesmas condições que ela, companhia, oferecia aos operários portugueses.

Pois não quiseram os directores da empresa ligar importância alguma ao convite do ministro, e até hoje não voltaram a tratar do caso, despresando inteiramente o que aqueles lhes havia dito.

Já lá vão uns poucos de dias, durante os quais a comissão operária repetidas vezes tem falado ao chefe de gabinete do ministro do trabalho, e ainda anteontem foi o último dia que, por duas vezes, ela subiu os degraus do edifício ministerial que mais parece um póco para tudo quanto respeito a assuntos de trabalho, para os quais, segundo se depreende do título, foi criada aquela pasta.

Há uma questão entre operários e patrões. O conflito dura cerca de nove meses, atingindo o carácter dum luta em que estão em perigo os estômagos dos trabalhadores e de suas famílias. O patrão quer vencer os operários pela fome. Procura esmagá-los. Para isso recorre a todos os estratagemas. Por último alia trabalhadores estrangeiros, deixando os nacionais sem colocação, quando estes se dão por satisfeitos com regalias inferiores às que são dadas aos estrangeiros.

E como isto seja uma questão que só o governo pode resolver, para ele apela os operários ainda, apresentando as suas razões, dizendo da sua justiça, mostrando que é por uma sistemática intransigência que o patrão lhes não dá trabalho. Abrem-se com o ministro. Contam-lhe tudo. Desafogam com ele, fundando, na sua boa fé, que aquele funcionário trataria do caso com a imparcialidade que a doutrina democrática lhe impõe.

Pois não senhor. O ministro não os ouviu, naturalmente porque... tinha mais que fazer, mas o seu secretário lhe contou da justiça da reclamação dos vidreiros.

"Lock-out" no Porto

Em face da atitude dos industriais metalúrgicos, o operariado mantém-se firme

PORTO, 20. — Aqui, como ali, o duelo entre o Capital e o Trabalho assume proporções fora do vulgar. Os donos das mais importantes oficinas metalúrgicas, que estabeleceram o *lock-out*, encerrando as suas casas de trabalho, tendo-se previamente entendido, para isso, na Associação Industrial, percoem de automóvel todas as oficinas ainda em laboração aliando os mais retardatários, isto à vista do complacente das autoridades, que facilitam a estes grevistas amadores o direito de levar a miséria ao lar operário para fins que não é fácil distinguir no escuro meio em que manobram impunemente.

Desde o dia 4 do corrente que estão fechadas as principais oficinas metalúrgicas e há já um mês que estão fechadas as de Massarelos, Ouro, Bicalho, e D. Pedro V. O operariado de todas as fábricas encerradas mantém-se com um apuro digno da organização sindical, sem pedidos ao patronato nem às autoridades, inflexíveis no meio dos seus sacrifícios, com a consciência dos seus actos e da razão que lhes assiste.

A luta é áspera e desigual, sem dúvida. De um lado os famintos indefesos sem protecção da República que tanta vez tem, desinteressadamente defendido oferecendo-lhe o seu sangue em holocausto, do outro os que à nossa custa se fizeram fortes pelo muito que não tem usurpado do salário e que tem na sociedade de hoje as prerrogativas dos antigos morgadios.

Mas aceita-se-lhes o reptio e lutar-se há até o último alento. Esta é a atitude em que se matem os camaradas metalúrgicos.

Nestas constantes preocupações não é de extranhar, o ter-se descurado momentaneamente a organização operária fora do Porto. Aguardar-se há que acalme a fúria dos exóticos grevistas.

CONSELHO JURÍDICO DR. U. N.

Foram ontem julgados e absolvidos alguns operários

Responderam anteontem, no 2.º juízo de investigação criminal, os operários da construção civil Inácio da Piedade Carvalho e António Marques e o operário metalúrgico José de Cruz, todos eles acusados de, na noite de 19 do corrente, terem levantados gritos subversivos, tais como *Viva o bolchevismo! Viva a Rússia!* e *Abaixo Sá Cardoso!*

Os réus foram defendidos pelo nosso amigo Dr. Sobral de Campos. A acusação não se provou e os nossos amigos foram absolvidos.

Amanhã, a 30 de Agosto, há consultas ao advogado.

A GREVE FERROVIÁRIA

A mais uma tentativa de suborno, a secção dos maquinistas responde nobre e firmemente com uma recusa

Inconsciência ou crime? Já não sabemos como classificar a atitude dos governantes em face da questão ferroviária. A normalização dos serviços é uma pura fantasia. Que o digam imparcialmente os que, pelo império das circunstâncias tem de viajar e os que se aventuram a entregar à C. P. as suas remessas que na maioria dos casos chegam ao destino reduzidas ao mínimo, quando chegam. Começa-se a ver claro e os protestos vão surgindo não já contra os grevistas, que já não podem levar mais longe o seu espírito de transigência, mas contra a Companhia e o seu aliado governo, que, simulando uma resistência que já não possuem, persistem na sua atitude, numa indiferença pelos formidáveis prejuízos que uma tal situação está causando a todo o país.

Cozinha comunista

Importâncias entradas no dia 25 do corrente:

José Alves (um pobresinho), \$20; Um ferroviário, \$50; Pessoal da Tipografia Mata, \$230; Lista 333—Carpenteiros machados do Arsenal de Marinha, \$703; Idem 337—Ferreiros do Arsenal de Marinha, \$529; Idem 361—Construções Navais do Arsenal de Marinha, \$549; Idem 364—Maquinas—Arsenal de Marinha, \$553; Quete aberta da Juventude Sindicalista 1.º Bairro, \$456; Pessoal da tipografia «América», \$80; Lista 368, produto desta lista, \$933,5; João Ribeiro, \$50; Pessoal da casa Eduardo Pinto de Souza & C., Limitada, \$644; Parque Eduardo VII, grupo 73, lista \$40, \$150; Idem, Idem, 96, lista \$33, \$40; Idem, Idem, 53, lista \$55, \$50; Um camarada grevista, \$500; Baptista Fontainhas, \$20; Grande subscrição aberta pela União dos Sindicatos Operários, entre a família proletária, \$12127; Associação operária dos confeiteiros, pasteleiros e artes correlativas, \$600; Total \$27885,5.

Nota oficiosa do Comité Central

Perante a razão e a justiça que nos assiste, não se vergam nem o governo nem a Companhia. Pois bem; continuemos e, mesmo na improvável hipótese de que ao conflito se desse uma solução ambígua, essa solução seria apenas aparente e, no fundo, o movimento manter-se-ia ainda com mais vigor e eficácia. Uma greve cujo fundo de razão é tanto que assim se mantém durante tam longo prazo, não pode perder-se.

Não a desejávamos. Fomos compelidos a ela pela Companhia, e será solucionada com a paz de espírito que ainda não abandonou.

Com aquela serenidade que deve animar sempre as causas justas e que já nós é habitual continuarmos, sem desânimos, o caminho do direito, da honra e da justiça.

Meditem nas nossas palavras os que governam, os que mandam e mesmo os que retomaram o trabalho, e convençam-se de que falamos com conhecimento de causa.

E, porque assim é, a greve continuará. Estejam certos disso.

Todos os actos dos grevistas são condenados pelo governo e Companhia, mas, manifestamos que vamos publicar, faremos ver como na greve dos decretos 4.205 e 4.306 se desmeharam de certos cargos entidades superiores às ordens do Conselho de Administração da C. P., como sejam «sabotagens» e outras coisas mais.

Foi ontem sepultado o nosso desditoso companheiro Armando Rodrigues, vítima do «vagon-fantasma» e, por consequência, do governo. A este companheiro, roubaram-lhe a vida, a nós procuram expoliar-nos do nosso pão, do pão de nossas famílias.

O nosso espírito de revolta mantém-se perante tanta iniquidade, e não nos cansaremos de apontar mais a obra de um governo que se diz democrático. Mas os ferroviários nada esquecerão.

Prestemos o nosso preito de saúde ao bom camarada cuja falta nos entristece.

—Mais uma vez os camaradas maquinistas deram um belo exemplo de solidariedade, não se temendo das ameaças feitas por alguém. Bom seria que todos lhe seguissem o activo gesto.

A greve continua no espírito de todos os que tem a consciência dos seus deveres.

Não há um corpo fraco onde haja uma alma forte.

Camaradas em luta: Viva a greve!

O Comité Central

Uma tentativa que falha

Segundo sômos informados, a C. P. fez ontem mais uma tentativa junto dos maquinistas para que estes se apresentassem ao trabalho, certa como está de que é principalmente da atitude que toma essa parte do seu pessoal que depende o êxito ou a derrocada do movimento.

Segundo essas informações, o director da C. P. procurou convencer aqueles camaradas de que não podia fazer e não faria concessão alguma e de que, neste caso, lhes seria melhor retomarem o trabalho. O «truc», porém, mais uma vez falhou, pois que aqueles, conscientes do dever que lhes impende e de que nas suas mãos está a sorte dos milhares de companheiros que se conservam em greve, negaram-se altivamente a pôr em prática a traição que lhes era insinuada e afirmaram mais uma vez que se manteriam indefectivelmente na situação assumida, até que fossem atendidas as reclamações apresentadas.

Ferrovários em liberdade

Os camaradas Arménio da Silva e Manuel Ricardo Pereira, presos devido à greve ferroviária, foram ontem transferidos, pelas 11 horas, da esquadra do Caminho Novo para o governo civil, onde foram interrogados, saindo depois em liberdade. O primeiro esteve 23 dias preso e o segundo 34. Na verdade, nem grevista se pode ser em Portugal...

Por causa da "normalização"

Cândido Fernandes, 19 anos, sapateiro, residente na rua da Bela Vista, à Graça, 36, 2.º, quando ontem se encontrava na «bicha», na estação do Rossio, para comprar bilhete para o comboio, deu-se ali um borborinho motivado por um roubo, e alguém disparou um revólver cujo projectil foi atingido no

braço direito. Conduzido ao hospital de S. José, num auto da Cruz Vermelha, foi-lhe no Banco extraída a bala, seguindo para casa depois de pensado.

NO PORTO

Em vilegiatura — Segundo à Havas, apresentam-se alguns ferroviários ao serviço — Príades — Alfândega

PORTO, 25. — O dr. sr. António José de Almeida, presidente eleito do República, está no Gerês, no hotel do Parque.

—Em Gaia apresentaram-se mais alguns ferroviários ao serviço. — Foram presos em Monsão 13 indivíduos quando procuravam passar para Espanha. — A alfândega rendeu 20 contos e 497 libras em ouro, — fl.

